

Pensar e sentir a partir de nós

A criança – mãe do homem – é uma fonte inesgotável de energia, que gira em torno de si mesma.

Ao buscar explicação para a existência, mesmo os doutos acharam-na a partir da primeira pessoa: penso, logo existo.

Dizem as más línguas: visitando Cecília Meireles, e querendo saber como ela estava, um amigo que não a via há tempo ouviu longa digressão sobre as suas coisas. Até que ela disse: chega de falar de mim, mudemos de assunto. O que você achou do meu último livro?

Mesmo nas palavras empatia, simpatia, só vem depois o objeto, ou aquele junto a quem o sujeito sente. O companheiro, o camarada, o amigo, ainda são imperfeitas lições de extroversão.

Vendo na TV o juiz marcar um pênalti ou impedimento, percebemos como o lance só é analisável sob vários ângulos. Mas o que é impossível na visão física, se consegue com a visão da inteligência. Com algum treinamento, afastam-se os particularismos, assume-se uma perspectiva universal, objetiva.

Será isso a filosofia?

Depois de casar, e ter filhos, passamos a enxergar a vida a partir deles. Aí, é como se saíssemos de dentro de nós mesmos. E percorremos então um longo caminho, que passa pela renúncia e pelo perdão.

Olho por olho e o mundo acabará cego, disse Gandhi.

Conta-se de duas mulheres que, reivindicando o mesmo bebê, foram levadas diante do rei Salomão. Este decidiu: matem a criança, e cada uma ficará com a metade. A primeira mulher exclamou: se não é minha, não será de ninguém. O rei voltou atrás e mandou entregar o bebê à segunda, que chorando dissera: não a matem; entreguem-na à outra.

Será isso o amor?

Muhamad Ali era pugilista. Certa vez, convidado a fazer uma poesia, disse simplesmente: “me.....we”.

E Cristo ensinou: para conversar com Deus, comecem assim: “Pai nosso”.

Nosso, aí, só pode ser o gênero humano: todos os que pensam, sentem, erram, desejam e sofrem. Toda e qualquer pessoa, por mais imunda ou indecente que me pareça. Se eu tivesse minha família ao modo como, no começo, tinha a mim mesmo, qual o meu ganho? Teria apenas ganhado mais espaço.

Se ao saber filosófico eu reúno a visão amorosa, passo a partilhar um olhar compassivo sobre cada um e sobre todos.

Adentro, naturalmente, o infinito coração divino.

Será isso a santidade?